

ORQUESTRA METRO- POLITANA DE LISBOA

SARAMAGO, NOBEL 1998: MEMORIAL

15 DEZ 2018
SÁB 19:00
Grande Auditório
Duração 1h40
M/12

CO-ORGANIZAÇÃO



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Como foi o processo de transpor para uma partitura as palavras de José Saramago escritas em *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez* e *As Intermittências da Morte*?

Foi um enorme desafio e uma dificuldade. A grandeza de um escritor reside, antes de mais nada, na sua escrita, nas suas palavras, nas suas frases, nas suas histórias. Estes aspetos, essenciais na grande arte de Saramago, são próprios da literatura e estavam por isso para além do alcance do compositor. Apenas as poderosas metáforas dos seus últimos livros (cegueira, lucidez, luzes e a violência neles presentes de muitas maneiras) podiam ser tomadas como ponto de partida para uma composição que o celebrasse e o pudesse honrar no modo próprio da música. No entanto, conceitos ou metáforas, por ricos que sejam, como é o caso, não compõem uma obra musical. Estimulam, orientam, podem conduzir a um resultado, a uma expressão, a uma forma, traçando talvez um quadro prévio de ação. Mas aquilo que é necessário descobrir e compor tem de se produzir e realizar por si só enquanto música. Por isso, não era de modo nenhum adquirido que poderia sequer compor esta obra. Ao compositor deste *Memorial* pedia-se que usasse as metáforas do grande escritor para dar corpo e consistência à celebração e, ao mesmo tempo e de forma implícita, que fosse capaz de produzir um discurso musical construído a partir delas mas simultaneamente autónomo. Foi isso que tentei fazer bem consciente da dificuldade da tarefa. A palavra diz, profere, enuncia com facilidade e potência. A música, no entanto, “significa” na sua mera existência enquanto tal, sem reclamar nenhum absoluto. Mas a sua significação é “flutuante”, um mistério que viaja no ar até ao sentido auditivo, uma perceção sensível diversa do visível ou do legível. As interpretações do eventual significado serão seguramente infinitas como sempre acontece nas artes.

Como lê hoje estes livros, à luz de um mundo cada vez mais desigual e em que os Direitos Humanos continuam a ser atropelados?

Penso que podem ser vistos como antecipação premonitória daquilo a que hoje se chama “o grande retrocesso”, título de um livro com contribuições de vários autores de vários países. Neste momento em que vivemos não se trata apenas do aumento enorme das desigualdades que, por

exemplo, Thomas Pikety analisou muito bem. Trata-se de um retrocesso em muitos planos, económicos, sem dúvida, mas cada vez mais igualmente políticos com vitórias eleitorais das direitas de vários matizes. Daqui se pode inferir que o discurso da direita se tornou hegemónico, dominador, face aos anteriores falhanços ou erros das democracias liberais e aparece de muitos modos (Trump, Brexit, Brasil, etc.). Tudo é muito complexo e fornece muita matéria para uma auto-reflexão das esquerdas sobre o estado atual do mundo. Neste livro que referi, o título do artigo de Arjun Appadurai é *O cansaço da democracia*. Julgo que vivemos num mundo que Saramago por vezes referiu em entrevistas como uma possibilidade preocupante que hoje vemos em plena marcha. Estou certo de que hoje ele escreveria outros livros ainda mais temerosos mas talvez conseguisse incluir neles aquela luz de esperança que lá pairava sempre com o seu génio.

Que papel pode ter a música na mudança deste estado de coisas, para um mundo mais justo?

A resposta a essa pergunta tem de se colocar apenas no campo dos desejos, em primeiro lugar, e em segundo, num plano plural. Há muitas e diversas práticas musicais. Não haverá por isso uma resposta única. Hoje há “músicas”, muitas “músicas” e cada uma delas terá a sua resposta própria. A música sem texto dirige-se a uma sensibilidade particular, como disse, e pode apenas e eventualmente criar uma emoção, uma comoção sensível que contenha em si um “desejo de universal” mais justo. Nesse sentido, outras práticas musicais, das inúmeras que existem, permitem vislumbrar melhor, talvez, esse desejo: ele expressa-se juntamente com palavras. Torna-se claro o conjunto das intenções, da visão do mundo, etc.. Por outro lado, naquelas práticas instrumentais de que *Memorial* é um exemplo, reside nela própria, acredito, esse desejo de universal, de justiça, de equidade. Mas infelizmente para os artistas que a fazem, tal nunca é evidente, nunca é óbvio. Existe talvez como um potencial que cabe a cada um captar. Beethoven, no caso mais célebre da história da música, pela primeira vez em sinfonias usou o famoso poema de Schiller e criou aquele momento único do Hino da Alegria. Com as palavras adquiriu a máxima clareza e tornou-se um ícone histórico. Nós, simples humanos-demasiado-humanos criamos hinos muito menos eloquentes. Aquele contínuo único no seu significado. Por isso é Património Cultural da Humanidade.

Entrevista a António Pinho Vargas conduzida por Sérgio Machado Letria
– Fundação José Saramago



“Foi-nos proposta uma Declaração Universal de Direitos Humanos, e com isso julgámos ter tudo, sem repararmos que nenhuns direitos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem, o primeiro dos quais será exigir que esses direitos sejam não só reconhecidos, mas também respeitados e satisfeitos. Não é de esperar que os Governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.”

Excerto do discurso de José Saramago pronunciado no Banquete Nobel, em 10 de dezembro de 1998

PROGRAMA

D. Shostakovich, *Sinfonia de Câmara*, Op. 110a
(arr. Rudolf Barshai)

António Pinho Vargas, *Memorial* (estreia)

MAESTRO
Jonas Alber

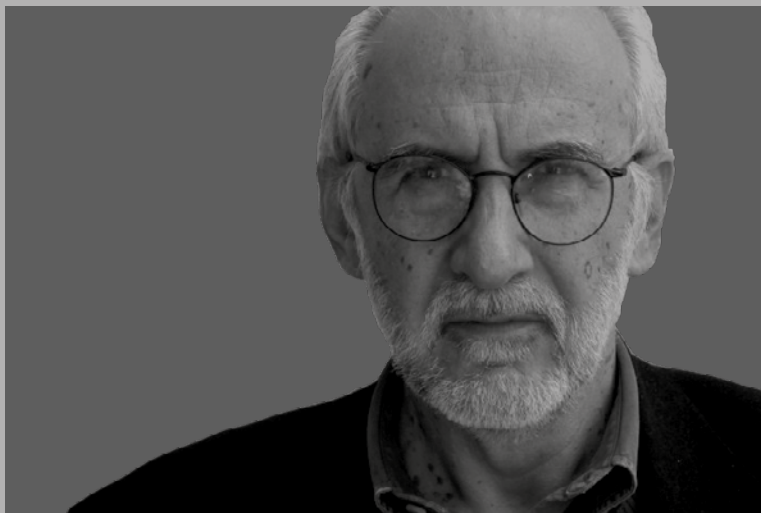
METROPOLITANA

ANTÓNIO PINHO VARGAS

Compositor. Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Completou o curso de Piano do Conservatório do Porto em 1987 e o curso de Composição no Conservatório de Roterdão em 1990. Professor de composição na Escola Superior de Música de Lisboa desde 1991 e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, desde 2006. Foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique em 1995. Em 2012 recebeu o Prémio Universidade de Coimbra pelo conjunto da sua obra e o Prémio José Afonso pelo disco *Solo II*. Em 2014 recebeu o Prémio Autores pela sua obra *Magnificat* para Coro e Orquestra.

Publicou os livros *Sobre Música: ensaios, textos e entrevistas* (Afrontamento, 2002) *Cinco Conferências sobre a História da Música do Século XX* (Culturgest, 2008) e a sua tese de doutoramento concluída em 2010, *Música e Poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu* (Almedina, 2011). Gravou dez discos de jazz como pianista/compositor entre os quais os CD duplos *Solo* (2008) e *Solo II* (2009). A Naxos editou *Requiem & Judas* (2014), reeditou em versão digital *Os Dias Levantados* e *Verses and Nocturnes* (2015) e *Monodia* foi reeditado pela Warner.

Compôs quatro óperas, três oratórias para Coro e Orquestra, 16 peças para orquestra, 28 obras de música de câmara, oito obras para solistas e música para cinco filmes. Entre as obras mais recentes incluem-se *Requiem* (2012), *Magnificat* (2013), *De Profundis* (2014), *Concerto para Violino* (2015) e *Concerto para Viola* (2016).



JONAS ALBER

Maestro com prestigiada reputação no panorama orquestral e nas salas de ópera, é muito solicitado enquanto Maestro Convidado por orquestras sinfónicas e companhias de ópera de todo o mundo. Associado a interpretações de referência de obras do *fin-de-siècle*, o seu repertório estende-se desde o barroco até à contemporaneidade.

Apresentou-se à frente das orquestras Sinfónica da Rádio da Baviera, Sinfónica da BBC, Sinfónica de Bochum, Sinfónica de Birmingham, Filarmónica de Dresden, Filarmónica de Grã-Canária, Sinfónica de Guangzhou, Sinfónica de Hamburgo, Sinfónica MR de Leipzig, Nacional da Bélgica, Nacional de Lille, Orquestra da Residência de Haia, Filarmónica de Osaka, Tonkünstler da Baixa Áustria em Viena, Sinfónica Nacional do Vietname com o Coro da Filarmónica de Berlim, Filarmónica de Zagrebe e Orquestra de Câmara de Zurique, entre outras.

Na temporada de 2017/18 dirigiu a Filarmónica da Real Academia da Irlanda, em Dublin, e regressou às Filarmónicas de Regensburg, Sinfónica RTÉ, Filarmónica de Estrasburgo e Nacional do Vietname. Estreou-se ainda em Seul com a Filarmónica Principal e em Pequim com a Orquestra do Teatro de Ópera Nacional da China.

Jonas Alber dirigiu aproximadamente 500 récitas e mais de 50 peças de repertório que se estendem desde óperas de Mozart, Puccini e Richard Strauss até numerosas novas produções e estreias. Dirigiu representações célebres de obras de referência como *O Anel do Nibelungo* e novas

produções, entre as quais *Peter Grimes* de Britten, *Der Zwerg* de Zemlinsky, *Die tote Stadt* de Korngold, *Der Kaiser Atlantis* de Viktor Ullmann, *Mona Lisa* de Max Von Schillings, *Tiefland* de Eugen d'Albert e *O segredo de Makropulos* de Leoš Janáček. Dirigiu uma nova produção de *Don Giovanni* no Teatro de Ratisbona em Junho de 2018. A Ópera Nacional da Dinamarca tem programada para 2019, com sua direção, uma nova produção da ópera *Michael Kohlhaas* de Paul von Klenau, a partir da novela de Heinrich von Kleist.

Foi diretor-geral do Teatro Estatal de Braunschweig entre 1998 e 2007. Colabora com cantores e solistas como Joyce Di Donato, Isabelle Faust, Sabine Meyer, Martin Fröst, Sol Gabetta, Håkan Hardenberger, Franz Hawlata, Schlomo Mintz, Steven Osborne, René Pape, Anne Schwanewilms e Iris Vermillion, entre outros. Entre as suas numerosas gravações, contam-se a integral das sinfonias de Schumann e obras sinfónicas de Mendelssohn, Franck, Mahler, Sibelius e Richard Strauss. O seu DVD com a gravação de *Frühlings Erwachen* de Benoit Mernier foi distinguido com o prestigiado prémio francês Diapason d'Or.

Nasceu em Ofemburgo, na Alemanha. Estudou Violino e Direção Musical em Freiburg e diplomou-se como maestro na Hochschule für Musik und Darstellende Kunst em Viena. Ganhou aí uma bolsa da Fundação Herbert von Karajan.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) mantém uma programação regular desde 1992. Os seus músicos asseguram uma intensa atividade que se distingue pela qualidade e pela versatilidade, o que permite abordar repertórios diversos, criar novos públicos e afirmar o caráter inovador do projeto AMEC/ Metropolitana, do qual esta orquestra é a face mais visível.

A OML afirmou-se como uma referência incontornável do panorama orquestral nacional. Com sede em Lisboa, apresenta anualmente uma temporada com quase 200 atuações que estendem a sua ação a 12 dos 18 concelhos da Área Metropolitana de Lisboa, com programações regulares em várias autarquias e deslocações frequentes a cidades de todo o país. Apresenta-se frequentemente no festival Dias da Música (Centro Cultural de Belém). Nos programas sinfónicos, jovens intérpretes da Academia Nacional Superior de Orquestra juntam-se à sua constituição base, a qual já integra vários músicos formados nesta escola. Manifesta-se deste modo a importância que a Metropolitana confia na ponte entre a prática e o ensino da música, desígnio que distingue a sua identidade e é exemplo único no contexto musical português e raro no panorama internacional.

Gravou mais de uma dezena de CD – um dos quais disco de platina – para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics. Colaborou com inúmeros maestros e solistas de grande reputação nacional e internacional, como os maestros Pablo Heras-Casado, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Hans-Christoph Rademann, Victor Yampolsky, Joana Carneiro, Pedro Amaral e Pedro Neves, ou os solistas Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Cura, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Natalia Gutman, Gerardo Ribeiro, Anabela Chaves, António Menezes, Enrico Onofri, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre outros.

A direção artística da Orquestra Metropolitana de Lisboa é, desde 2013, assegurada por Pedro Amaral que, a partir de 2018, acumula as funções de Maestro Titular.



Brevemente

SÓNIA BAPTISTA

Teatro x

Dança x

TRISTE IN ENGLISH FROM SPANISH

16,17,18 e 19 FEV 2019

QUA 10:30 (Escolas)

QUI 21:00

SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 1h45

M/16

RIMINI PROTOKOLL

Teatro x

100% LISBOA

1,2,3,8,9,10 FEV 2019

SEX 21:00

SÁB 19:00

DOM 17:00

Grande Auditório

Duração 1h40

M/6

Culturgest